

Roberta Menezes Sousa Teresa Cristina Esmeraldo Bezerra*

Juventude, movimento estudantil e gênero:

problematizando o modelo masculino de militância**

RESUMO: No presente trabalho pretendo discutir a construção da militância política no movimento estudantil da Universidade Estadual do Ceará, com base no enfoque de gênero. Busco avançar nas reflexões acerca da relação juventude, gênero e militância estudantil, destacando, portanto, aspectos referentes às práticas, valores e comportamentos inerentes ao movimento estudantil e ao modelo de militância hegemônico, que expressam limites à participação política e/ou até mesmo a exclusão feminina da direção do movimento, bem como dos demais espaços de decisão, revelando a vivência de desigualdades de gênero no interior da militância estudantil.

Este artigo foi baseado na investigação que realizei sobre as relações de gênero no movimento estudantil. Neste sentido, busquei avançar nas discussões acerca da militância estudantil, incorporando um novo elemento – a categoria gênero – para tentar compreender e interpretar quem são os (as) militantes que hoje fazem o movimento, como este espaço é construído, quais os valores que privilegia, que comportamentos e práticas aí prevalecem, e como se dá a dinâmica de inclusão/ exclusão das mulheres neste espaço político, particularmente na Universidade Estadual do Ceará - UECE.

Palavras-chave:

Juventude, gênero, movimento estudantil, militância estudantil.

** Este artigo está apoiado na monografia intitulada Ainda somos os mes-mos e vivemos como nossos pais? Um estudo sobre as relações de gênero na militância estudantil da UECE, para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará, sob orientação da Prof^a Ms. Teresa Cristina Esmeraldo Bezerra.

¹ Esses foram os Centros Acadêmicos que realizei o levantamento do universo de militantes para definir a amostragem: no Centro de Humanidades, os Centros Acadêmicos de Ciências Sociais, Filosofia, Letras, História; no Centro de Estudos Sociais Aplicados, os Centros Acadêmicos de Ciências Contábeis e Livre de Serviço Social; no Centro de Educação, o Centro Acadêmico de Pedagogia; no Centro de Ciências da Saúde, Nutrição e Ciências Biológicas; no Centro de Ciências Tecnológicas, Física e Química. Alguns C.As encontravam-se sem gestão nesse ano, quer por abandono das entidades por parte dos (as) estudantes, quer em razão da realização do processo eleitoral em alguns cursos, durante a realização da pesquisa.

² Nessa pesquisa optei por manter o sigilo quanto aos nomes das (os) militantes citadas (os) e que colaboraram com a realização das entrevistas nesse trabalho. Seus nomes verdadeiros foram substituídos pelos nomes das pedras preciosas. As pedras são veneradas por suas propriedades misteriosas e, de acordo com a mitologia, elas possuem características e virtudes. Portanto, cada pedra preciosa, de acordo com o seu significado, foi relacionada com as (os) características das (os) estudantes.

Para tanto, construí algumas questões centrais, cuja pesquisa realizada se propõe a esclarecer, a saber: Há um padrão de militância no Movimento Estudantil (ME) da UECE? Qual a relação deste com a dimensão de gênero? Como se dá a construção das relações de gênero no ME, como espaço político? O ME da UECE incorpora discussões sobre as relações de gênero? Como se dá a participação política feminina? Quais os significados da presença feminina no ME? As mulheres do ME se identificam com a luta e com o pensamento feminista? O machismo, o preconceito e a discriminação se manifestam neste espaço? Como?

Para dar conta das questões propostas na investigação, realizei uma pesquisa de campo, de caráter quantitativo e qualitativo, durante o período de março de 2005 a maio de 2006. Foram visitadas 11 entidades¹, em que pude detectar que participavam destas instâncias cerca de 125 estudantes, dos quais 68 eram mulheres e 57, homens. A média geral de idade destes (as) é de 21 anos, sendo as garotas na faixa de 21 e os garotos na de 20 anos de idade. Após este levantamento, utilizei as técnicas da observação participante e registro em diário de campo dos acontecimentos e rituais que envolvem a dinâmica do ME na UECE.

Do universo total de 125 estudantes, inicialmente, selecionei 24 militantes (19,2%), no caso, 12 homens e 12 mulheres para a aplicação do *Questionário Perfil Sócio-Econômico e Cultural do Movimento Estudantil da UECE*. Os critérios para a escolha destes (as) militantes² basearam-se nas diferenças de gênero, nas diversas forças políticas que integram o movimento estudantil³ e na variedade das representações por cursos. Foram devolvidos 18 questionários, sendo 44 % de militantes do sexo feminino e 56 % de militantes do sexo masculino.

Dessa amostra selecionei 10 militantes, cinco mulheres e cinco homens, para a realização das entrevistas qualitativas semi-estruturadas. Nas entrevistas, busquei construir um roteiro com perguntas abertas, de forma a permitir a apreensão de como eles (as) vêem a construção da militância, de acordo com o recorte de gênero, focalizando nas suas perspectivas em relação às práticas, valores e comportamentos vivenciados no ME.

A pretensão do trabalho é ser uma ferramenta que contribua para o Movimento Estudantil repensar as relações de gênero e o modelo de militância, expresso na linguagem, nos comportamentos e valores, na organização e no uso do tempo, nas práticas, dentre outros elementos, que condicionam a participação política das mulheres e dos homens.

Gênero e militância política

É a partir da construção da categoria gênero pelas feministas, que foi possível explicar as diferenças, heterogeneidades e ambigüidades que marcam as vivências de homens e mulheres em suas relações. Nos anos 1980, os debates em torno deste conceito possibilitaram uma maior visibilidade das tensões e dos conflitos inerentes às relações sociais entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, e homens e homens na sociedade capitalista, pois se buscava compreender *como a subordinação é reproduzida e a dominação masculina é sustentada em suas múltiplas manifestações, buscando incorporar as dimensões subjetiva e simbólica de poder, para além das fronteiras materiais e das conformações biológicas* (Araújo:2000, p. 68).

O gênero, como recurso analítico, passa a enfatizar assim, o caráter relacional entre o feminino e o masculino, e que um só existe em relação ao outro, caracterizando-se como uma relação de luta, conflito, ambigüidade, interação e poder (Araújo, 2000).

A partir de então, passa-se a compreender que as análises de gênero devem considerar o intercruzamento entre as categorias classe, gênero, raça-etnia e geração como expressão de uma perspectiva pluralista, preservando tanto a dimensão simbólica, como a dimensão das relações materiais (Araújo, 2000), pois a sociedade comporta diversos níveis de realidade que se entrecruzam.

As imagens dos gêneros feminino e masculino são determinadas historicamente, e construídas pelas instituições da sociedade, servindo a um determinado modo de produção e a um tipo de relação social. Descarta-se, portanto, a possibilidade da existência de alguma sociedade estruturada somente no gênero, sem se considerar a divisão societária em classes sociais, por exemplo. (Toledo, 2000).

Neste sentido, parte-se do pressuposto que mulheres e homens se desenvolvem em condições de desigualdade nesta sociedade. A separação entre as esferas pública e privada, sendo a última o *locus* privilegiado destinado às mulheres, *aprofunda uma divisão sexual do trabalho que determina as formas com que as mulheres se inserem no espaço público, privando-as das condições de exercer, em situação de igualdade com os homens, a participação social e política* (Godinho, 1991).

Para compreender como se processa a entrada das mulheres na militância, a sua participação política e a dinâmica de inclusão/ exclusão na direção do ME, primeiramente, é importante considerar de que modo é construído esse espaço. A partir de quê definições, valores e padrões de comportamento se constitui o ME da UECE?

³ Atualmente, destacam-se as seguintes correntes políticas que dinamizam o Movimento Estudantil da UECE: o grupo “Transformar o Tédio em Melodia”, que agrega militantes do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), da *Consulta Popular* e independentes; o grupo Movimento Ruptura Socialista (MRS), composto por militantes do Partido Socialista dos trabalhadores Unificados (PSTU) e independentes; e o grupo “A Correnteza”, que integra militantes do Partido Comunista Revolucionário (PCR) e independentes. Há, também, jovens vinculadas (os) ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), mas que não chegam a se configurar como grupo dentro do Movimento Estudantil da UECE.

Em primeiro lugar, é fundamental destacar que, historicamente, os movimentos sociais de caráter popular têm se configurado como *locus* de emergência de práticas questionadoras das desigualdades de gênero. No cenário contemporâneo, o Movimento Feminista, perde, portanto, a exclusividade como espaço único de resistência e contestação à condição histórica de subordinação das mulheres.

Mesmo assim, o modelo de militância nos espaços políticos ainda é definido com base em elementos e critérios condicionantes da participação de mulheres e homens. A linguagem, as formas de expressão e o conteúdo dos discursos; a organização do tempo e o seu uso; as atividades, as estruturas físicas e as práticas são eixos determinantes na configuração das relações sociais entre mulheres e homens no campo da militância política.

Na política, o padrão de socialização da militância ainda é essencialmente masculino. Este padrão é identificado e associado às características historicamente atribuídas aos homens, as quais se mantêm e se reproduzem nos espaços políticos, contribuindo para perpetuar a discriminação e a opressão de gênero, que além de se pautar em determinações culturais, também *se embasa em questões materiais e opera na vida cotidiana, nas relações que se estabelecem entre os dois sexos, de forma individual, na família, perpassando todas as estruturas da sociedade* (Godinho: 1991, p. 39).

O modelo masculino de militância política valoriza, assim, atributos de agressividade, competição, a fala em público, a disponibilidade de tempo. São valores que se confrontam com a identidade feminina historicamente construída, que embora tenha passado por mudanças significativas na contemporaneidade, ainda se pauta em discursos que atribuem às mulheres um papel primordial na família e na reprodução, onde a educação e a socialização acabam por valorizar o seu confinamento e/ ou maior identificação com o espaço privado e com arquétipos vinculados ao afeto, ao cuidado, às relações interpessoais.

A entrada das mulheres na esfera pública, segundo as analistas de gênero é marcada por uma identidade que se baseia no cuidado e nas relações afetivo-sociais, ambas desvalorizadas social e politicamente, pois são consideradas funções complementares ao trabalho dos homens, o que *aprofunda uma divisão sexual do trabalho que determina as formas com que as mulheres se inserem no espaço público, privando-as das condições de exercer, em igualdade de condições com os homens, a participação social e política* (Godinho: 1991, p. 37).

A tensão entre uma identidade feminina constituída no âmbito doméstico e aquela conquistada no espaço público é visível nas falas das militantes Safira e Opala, quando mencionam as barreiras que encontraram para iniciar a sua atuação

política no movimento estudantil. Elas revelam o conflito entre uma imagem pública e os papéis aceitáveis para as mulheres, a quebra com essas atribuições, e uma suposta naturalidade da presença masculina no movimento estudantil:

Eu sentia muito receio de entrar e de não corresponder ao que as pessoas esperavam dentro do ME. Sei lá, num preencher aquele perfil, não saber o tanto quanto eu deveria saber para entrar no ME...Me sentia um pouco oprimida por algumas pessoas...por conta da falta de abertura. Sempre ta lá à frente falando no microfone, com aquele posicionamento másculo, uma pessoa que geralmente é um homem. Isso, por exemplo, foi um dos fatores com que fez que eu me reprimisse muito, porque puxa! Eu mulher, o quê que o pessoal vai ficar pensando. Eu ficava muito preocupada (A Safira).

No Movimento Estudantil, as mulheres também passam por este conflito. Ela passa por estes conflitos quando ela é cobrada pra algumas coisas. Quando ela se cobra por algumas coisas porque a partir do momento que ela entrou no espaço, que não é um espaço de inserção feminina. Então, ela se contrapõe ao entrar nesse espaço, ela já está fazendo uma quebra ao entrar nesse espaço e ela vai bater muito nos seus valores construídos, ao qual ela foi educada (A Opala).

Segundo algumas analistas, o aprendizado para a vida doméstica, quando transferido para o mundo público, é pouco adaptado à política, gerando uma desqualificação no agir das mulheres (Delgado: 2000). Ao mesmo tempo, quando as mulheres saem do espaço privado para o público e vivenciam estas tensões, questionam e chegam a romper com os padrões vigentes, pois encontram resistências à sua “nova” condição em ambas as esferas, o que pode contribuir para uma redefinição nesta teia de relações. (Pinto, 1992).

A concepção de militância recorrente nos espaços políticos em geral e, ao que parece, também comum no movimento estudantil, por se chocar com a identidade historicamente atribuída ao gênero feminino, faz com que as mulheres tenham que romper barreiras para chegarem ao movimento, dentre elas

Empezando por su consición de mujer, como la pone la sociedade, su vinculación com la familia, la resitencia que encuentran a su papel de dirigentes por parte de los hombres, o sea, que hay una serie de obstáculos que debem ir superando para llegar (Rigat-Pflaum: 1990, p. 21).

Diante destas considerações, me esforçarei, a seguir, para realizar uma aproximação das condições que permeiam a entrada das mulheres no movimento estudantil, sua participação política, bem como os entraves que a limitam, no sentido de dar conta da dinâmica de inclusão/ exclusão na direção do movimento.

A entrada das mulheres na militância política e a dinâmica de inclusão/ exclusão na direção do movimento estudantil

Segundo os estudos acerca das relações gênero e política, a entrada das mulheres no espaço público pode se dar de duas maneiras: ou de maneira subordinada a um padrão que as coloca como intrusas e as adequa às normas dominantes; ou de maneira que rompem com o limite tradicional de seu papel de gênero feminino (Delgado: 2000, p.44).

O movimento estudantil, como um movimento social e político inserido no espaço público, é constituído também por valores, práticas, formas de relação, linguagens e formas de comportamento. A construção deste espaço se diferencia dos processos de socialização historicamente destinados às mulheres, pois a identificação dos espaços políticos como majoritariamente masculinos estabelece-se *a partir de critérios de socialização pouco comuns à socialização feminina: a fala em público, a agressividade, a segurança das opiniões* (Delgado: 2000, p. 73).

Embora contando com uma presença cada vez mais significativa de mulheres em seu interior, o ME ainda se constitui como ambiente ‘natural’ dos homens e ‘estranho’ às mulheres. Há critérios de socialização, credenciamento e reconhecimento dos (as) militantes, fundados em um modelo de militância ainda hegemônico, que, quando analisado sob o ponto de vista de gênero, permite enxergar diferenças e desigualdades nas vivências de homens e mulheres.

O exercício da política no movimento estudantil parece que naturaliza a hegemonia da figura masculina naquele espaço de poder, mostrando a debilidade da democracia interna. Isto restringe ou, até mesmo, exclui setores específicos de uma forma constante, neste caso, pelo critério de gênero. Mesmo o quadro de mulheres superior ao de homens na base do movimento, há limites quanto ao acesso às direções. A direção do ME ainda é um espaço masculino.

Estas questões podem ser observadas nos depoimentos dos militantes. Na fala de Citrino parece que o espaço do ME está ali, pronto para ser ocupado e conquistado pelas mulheres, levando-se a crer que possa estar vazio, por

não ser alvo de disputa; ou que não haja uma dinâmica de exclusão feminina. No segundo depoimento, aparentemente, há uma disposição para alterar as condições que dificultam a inserção feminina no ME. No terceiro, o espaço político, visto como espaço de poder, não será algo cedido facilmente às mulheres, se não houver um tencionamento, se não vejamos:

Eu acho que não é que elas tenham conquistado totalmente o espaço, eu acho que elas tão conseguindo conquistar, mas tem que conquistar muito ainda. Ainda os homens, ainda são as maiores figuras (O Citrino).

Claro que no Movimento Estudantil a gente tem que procurar que construir o movimento o mais democraticamente possível com a participação igualitária de homens e mulheres, com o peso igual de decisão de homens e de mulheres, mas o Movimento Estudantil reflete a estrutura da sociedade. A participação da mulher é limitada... Como eu já havia dito anteriormente, não faz sentido a gente dizer que o Movimento Estudantil a relação entre os homens e as mulheres é igualitária. Seria hipocrisia dizer isso. Seria um erro de método, porque o Movimento Estudantil reflete muito... É claro que a gente procura de certa forma ter cuidado, mas tem que mudar é a estrutura (O Berilo).

Eu acho que o grande desafio do ME é assumir que é um movimento que tem sim as suas opressões de gênero, que tem sim muito machismo ainda, mas trabalhar para superar isso. Mas eu acho, pelo menos aqui no ME da UECE, eu acho que tem uma participação muito grande feminina. Mas como algumas companheiras nossas sempre colocam e isso a gente pode ver também que, por exemplo, nos cargos de direção, ainda há muito que ser conquistado pela participação feminina, não colocando a ocupação desses espaços de uma forma simplória, só colocar a mulher, porque ela é mulher e tem que tá lá... Porque claro em qualquer forma de opressão, o opressor ele se sente tocado quando tocam no poder dele de alguma forma. Então não vai ser de uma forma passiva que os homens vão ceder espaços para as mulheres...E a gente homem, pelo menos aqueles machistas esclarecidos tem que dar o braço a torcer, tem que aceitar a contestação e até fortalecer que essa contestação exista (O Topázio).

Na UECE, a participação das mulheres na educação superior é maior que o número de matrículas dos homens na graduação, correspondendo ao percentual de 58,86%⁴. Na mesma tendência deste índice segue a composição da base do ME desta Universidade, em que a presença feminina chega a 54,4%. No entanto, inversamente, este número decai quando se trata do Diretório Central dos Estudantes (DCE), a entidade máxima de representação política das (os) estudantes, revelando que no seu interior há marcas de discriminação e exclusão das mulheres. Segundo a militante *Água-marinha*, no DCE, por exemplo, hoje existem quatro mulheres no âmbito de 15 cargos. A exclusão das mulheres neste espaço, em função do critério gênero, se impõe em razão do tipo de socialização voltado para as mulheres, aliado ao padrão de militância prevalente, o qual articula mecanismos que reforçam o poder masculino na militância política.

Neste sentido, a participação política feminina *é profundamente marcada pelas relações de gênero, pela divisão sexual do trabalho, pela atribuição de funções e valores distintos, e mesmo antagônicos, à atuação de homens e mulheres na esfera pública e na esfera privada.* (Delgado: 2000, p.61).

No entanto, para compreender melhor como estes mecanismos funcionam no cotidiano da militância política no movimento estudantil, é importante adentrar na constituição do modelo de militância ainda hegemônico, e que se configura com base em algumas características, das quais destaco: a dedicação integral a uma causa, cujo sustentáculo é uma ética sacrificial; a hierarquização dos temas de discussão; a linguagem; as práticas; e os rituais que valorizam a fala em público.

O modelo de militância no movimento estudantil e os critérios de gênero

A dedicação exclusiva e a organização do tempo

A militância estudantil, segundo as falas dos (as) militantes entrevistados (as), ocupa posição suprema em relação a outros aspectos da vida destes (as) jovens, como por exemplo, os assuntos de âmbito pessoal, profissional, formação acadêmica e lazer. Esta é uma questão que merece reflexão, pois a racionalização do tempo é um fator complexo na vida cotidiana deles (as).

O modelo de militância ainda é baseado numa dedicação exclusiva. As mulheres que se encontram atualmente no movimento estudantil da UECE, normalmente, não têm tarefas relacionadas ao trabalho doméstico, ou se as têm não chegam a mencionar: são solteiras, não têm filhos (as), não têm a

⁴ Este número se refere à última pesquisa realizada pela Pró-reitoria de Planejamento da UECE, no ano de 1999. Trata-se da pesquisa Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação da Universidade Estadual do Ceará.

obrigação de organizar e limpar a casa, fazer comida, etc. São, em tese, mulheres livres para a militância política, em que pese o fator tempo na organização dos estudos, compromissos acadêmicos, bolsas, estágios, etc.

O uso e a distribuição do tempo em outras atividades é definido, segundo os depoimentos dos (as) entrevistados (as), pela dedicação à militância, onde se percebe um certo ideal de militância que torna problemática a questão de gênero no ME, desconhece as múltiplas tarefas que os (as) militantes têm que hoje desempenhar, além da socialização diferenciada de gênero entre homens e mulheres, como denotam as falas seguintes:

Desde os relacionamentos amorosos, a militância política, a formação acadêmica, as bebedeiras e aí as inúmeras outras coisas que eu queria viver dentro da universidade, então o tempo era muito curto e sempre, sempre que eu tive no Movimento Estudantil eu sempre namorei nas pressas, sempre estive olhando para o relógio e sempre tava correndo pra lá e pra cá. Então o tempo sempre foi o meu inimigo nessa história toda...Era a partir do Movimento Estudantil que eu organizava o meu tempo (A Opala).

A cada semestre o meu tempo vai ficando mais limitado e eu fico preocupado por isso, porque eu posso querer abarcar várias coisas e no final não conseguir desempenhar um bom papel nessas funções. Eu tenho muitas atividades: tenho duas faculdades, tenho o Movimento Estudantil, sou bolsista da CNPQ, faço minha pesquisa, então são muitas atividades. Mas eu sempre digo o seguinte, eu não abro mão da minha militância. Talvez mais cedo ou mais tarde, não sei, mas talvez seja necessário eu optar ou ter que cortar certas atividades do meu dia-a-dia, mas eu não abro mão da minha militância (O Berilo).

De acordo com os conteúdos dos depoimentos, primeiramente, é possível perceber que este padrão de militância, que utiliza o máximo de horas pode vir a acarretar problemas de diversas ordens: o tempo é escasso para o desempenho de múltiplas atividades ligadas à afetividade, à família aos estudos, ao trabalho e às atividades acadêmicas remuneradas. Em segundo lugar, os (as) militantes estão sempre comprometidos (as) com uma quantidade enorme de tarefas, e os interesses pessoais parecem não integrar o dia. Em terceiro, o tempo para formação política é reduzido e sua prática pode acabar culminando no espontaneísmo, no imediatismo e em pouca reflexão (Rigat-Pflaum, 1990).

No entanto, este ideal de militância que consome a maioria do tempo dos (as) estudantes, não é questionado em momento algum nas falas dos (as) entrevistados (as), ao contrário, ele é reforçado. A militância passa a corresponder a uma certa ética sacrificial, como revelam os depoimentos abaixo:

É um espaço de entrega. É aquela velha história: se a gente não se entregar no que a gente faz, você acaba fazendo as coisas mal feitas. O Movimento Estudantil é muito isso: é um espaço de entrega (O Cristal).

Porque o Movimento Estudantil, as necessidades dele não têm hora. O movimento não tem hora marcada. Não é o movimento que vai respeitar o seu horário. Você tem que adequar o seu horário. E aí cara é muito difícil, pra você conseguir trabalhar, estudar com qualidade e militar do ME só se você dividir tarefas com outras correntes, até com os seus próprios companheiros de grupo, que também é muito raro você conseguir que todo mundo pegue tarefas (O Citrino).

Esta questão sugere algumas reflexões, quando a pretensão é investigar as relações de gênero no ME, pois segundo as análises e críticas feministas, as mulheres emergem como sujeitos políticos

nos “novos” movimentos sociais graças aos mecanismos de participação “direta”, a ausência de hierarquias entre temas gerais e específicos, permitindo uma inter-relação entre questões do cotidiano e questões políticas, bem como uma maior flexibilização na própria construção do modelo de militância pautado na dedicação integral a uma causa. (Bezerra: 1992, p.10).

O movimento estudantil, ao que parece, muito embora constituído como movimento social, ainda não se configura como espaço político que tenha avançado na redefinição do modelo de militância supracitado. Diante disso, são poucos (as) os (as) estudantes que se sentem atraídos (as) a participar, ou disponibilizam de um certo tempo para o movimento, pois esse modelo de militância exige tempo de dedicação, e a realidade da UECE mostra que mais da metade dos (as) estudantes não o dispõe para realizar outras atividades extra-sala de aula, porque está inserida no mercado de trabalho.

Diferentemente das mulheres que estão ou têm a possibilidade de entrar no movimento estudantil, pode ser que os motivos para as demais mulheres e, até os homens, se encontrarem fora do movimento estudantil estejam relacionados ao trabalho fora de casa, às exigências de dedicação à família, bem como a socialização diferenciada do ponto de vista de gênero, e porque não dizer, em razão do próprio modelo de militância prevalecente. Estes fatores podem dificultar ou impossibilitar a atividade política dentro da Universidade, em razão da organização do tempo no movimento, o que pode provocar problemas de centralização em demasia, configurando uma “vanguarda” isolada do restante dos (as) estudantes, pois o modelo de militância apresentado, que consome a maioria do tempo de uma pessoa, não deixando espaços para a reflexão nem para os aspectos pessoais, não resulta em atrativo para as pessoas, homens e mulheres (Harnecker: 2000:p. 71).

A exigência de uma dedicação quase que exclusiva à militância estudantil é um critério fundamental que facilita o ingresso ou a exclusão do acesso ao movimento estudantil, pois embora muitos os (as) sejam convidados, no entanto, poucos (as) conseguem passar por este critério, que acaba por seletivizar e *tentar encaixar a militância numa norma única, igual para todos, numa militância de 24 horas por dia e sete dias na semana, é deixar de fora todo potencial militante* (Harnecker: 2000, p.72).

A hierarquização dos eixos de discussão

Nos espaços de debates, formação e deliberação do movimento estudantil percebe-se que há uma hierarquia notória quanto aos eixos de discussão. Geralmente, recebem prioridade nessa escala, temas que envolvem conjuntura, universidade e movimento estudantil. Os assuntos ligados ao eixo cultura e valores não recebem a mesma atenção. Quando indagados (as) sobre a incorporação das discussões acerca das relações de gênero na pauta do movimento, houve consenso a respeito da resistência do movimento estudantil a estas questões, conforme se percebe na avaliação dos (as) entrevistados (as):

Eu percebo que em relação às discussões de gênero, as pessoas deixam sempre para segundo plano. Na minha concepção não foi muito discutido, mas para as outras pessoas já foi discutido demais. Eu acho que as questões de conjuntura, de Movimento Estudantil e de Universidade ainda se sobrepõem ao debate de cultura e valores, infelizmente (A Safira).

Há sim as discussões de gênero, mas elas estão sempre em segundo plano... Mas ao mesmo tempo, que ela existe, ele a utiliza muitas vezes pra ter aceitação, pra ter um estigma de Movimento Estudantil que discute gênero, por mais que ele seja eminentemente masculino, ele tá lá discutindo gênero, “eu sou o homem que discute gênero”, “eu faço parte de um movimento que discute gênero”. Eu acho que isso é utilizado estrategicamente, mas não deixa também de ser uma exigência das mulheres que fazem parte do movimento (A Opala).

A questão da hierarquização dos temas também é recorrente nas análises feministas acerca da reprodução de uma divisão sexual do trabalho na esfera política, ou da cisão público e privado, onde se tem o privilégio dos chamados temas gerais em detrimento das denominadas questões específicas das mulheres ou de outros segmentos em desvantagem. Estas análises já revelaram, também, o comprometimento dos espaços políticos que reproduzem a dicotomia público-privado, no sentido de uma maior dificuldade de inserção das mulheres como sujeitos políticos. (Sousa Lobo: 1991).

Outro aspecto desta divisão sexual do trabalho na política e que aparece nos depoimentos é a exclusão das mulheres dos os processos de negociação política vivenciados pelo ME. Geralmente, nas lutas estudantis formam-se comissões para negociar as reivindicações com a Reitoria e com o Governo do Estado do Ceará. Raramente, encontram-se mulheres nessas comissões. Elas estão presentes algumas vezes, mas como exceção. No início da gestão de 2005-2006 do DCE, *Safira* relatou que dentro da entidade também havia essa exclusão das mulheres das decisões, e ligou o fato ao padrão de militância masculino, como se pode ver em seu depoimento:

Infelizmente, continuo achando que ainda há essa divisão dentro do Movimento Estudantil. Eu vejo que de vez em quando há os grupinhos. Eu particularmente quando eu entrei no DCE, eu percebi isso que os meninos se agrupavam muito pra falar e tomar decisões. E eu até falei, porque só eu e a Água-Marinha somos a que mais conversamos, de mulher no DCE. Aí eu falei pra Água-Marinha: Água Marinha tu num tá achando isso estranho não? E ela achava a mesma coisa. Porque é uma tendência de os homens se unirem e daí tomarem decisões e eu não sei se é impressão minha, mas eu acho que assim, como se eu não firmar presença, falar daquele jeito sabe, enquanto

mulher, mas falar grosso e delimitar meu espaço, eu não vou ter o meu respeito e aí foi isso que eu percebi dentro do Diretório Central dos Estudantes (A Safira).

Pelo que se conseguiu depreender, ocorre uma certa divisão sexual do trabalho no âmbito da militância estudantil, que se verifica desde a questão do acesso aos cargos de direção, aos processos decisórios e à hierarquização temática, mas esta divisão também é reforçada por meio de questões mais sutis, como os gestos e a tonalidade da fala em público.

A fala em público

A fala em público é uma das principais dificuldades enfrentadas pelas militantes no ME da UECE. Além da disponibilidade de tempo e de uma divisão sexual do trabalho no campo político, pode-se depreender que o discurso é um elemento valorizado, pois credencia a atuação da militância e a escolha daqueles (as) que estarão à frente do movimento. As mulheres saem prejudicadas, às vezes, pela “ilegitimidade” de sua fala e da sua presença, quando se reflete sobre o modelo de militância baseado em valores e critérios masculinos, que entram em choque com a histórica socialização feminina. Neste sentido, para Água-Marinha *na hora mesmo das falas, dos posicionamentos, a gente ver que na hora de se posicionar os homens se colocam às vezes mais do que as mulheres.*

O medo de falar errado, a exigência de se adotar um tom de voz mais firme, duro, o tradicional “falar grosso” para que se possa ser escutado e respeitado, o receio de falar no microfone, de se expor, além de algumas ofensas e/ ou cantadas que possam vir a receber da platéia quando das intervenções em público, são empecilhos citados pelas militantes ao refletirem sobre suas vivências no ME e que podem ser sintetizadas na fala abaixo:

O Movimento Estudantil acaba exigindo de você que você vá lá e pegue o microfone, que você tenha uma postura, e quando você trata a questão da mulher é diferente. A mulher que pega no microfone é mais complicado, acaba sendo uma barreira que ela cria e que ela criou devido uma questão cultural, e o medo de você pegar no microfone e os homens dando cantadas de mau gosto, fazendo comentários. O medo que você tem de ser ofendida, você acaba não participando do movimento por causa disso. O homem cria essa barreira, também, não respeitando o que

a mulher fala. Até o caso mesmo de relacionamentos dentro do Movimento Estudantil, que a menina falava e o cara levava para o lado pessoal, o cara a criticava e dentro de uma reunião. Isso acabava constrangendo a mulher e ela poderia até ficar com medo de falar (A Esmeralda).

As militantes, muitas vezes, acabam sendo forçadas a adotar uma postura masculina para serem ouvidas, revelando, por um lado, *uma exigência e identificação das mulheres com um modelo de socialização masculino* (Delgado: 2000, p.76), e de outro lado, uma denúncia aos limites da cisão do gênero. Outrossim, de forma ambígua, algumas militantes, ao adotarem um certo tipo de comportamento e gestual identificados a um determinado padrão masculino, também acabam sendo alvos de crítica e provocam incômodo em alguns militantes. São questões que ajudam a perceber um certo padrão de militância recorrente no ME, bem como as diferenças de gênero em seu interior, conforme os depoimentos:

As pessoas muitas vezes reproduzem um perfil de militante, que é aquele que tem que ter voz grossa, de falar alto, que tem que gesticular. E eu fiquei muito preocupada quando eu entrei no Movimento Estudantil por conta disso. Eu não preenchia esse perfil de forma alguma: de falar alto, de ser autoritário, de ter que falar no microfone sempre. Geralmente perfis que correspondem à característica masculina. E se a gente for ter um posicionamento um pouco passivo diante das coisas, até mesmo pela condição de ser mulher a gente acaba sendo levado e ninguém se interessa pelo que você pensa ou o que você deixa de pensar e as pessoas vão tomando as decisões (A Safira).

No Movimento Estudantil digamos que você vai se surpreender em encontrar mulheres bem lutadoras. Quando você entrar no Movimento Estudantil você vai se surpreender de ver mulheres tendo mais retórica do que homens, que historicamente são os homens que tem retórica, que são os líderes. Você vê mulheres liderando, mulher dando tarefa pra marmanjo, dizendo como se faz, e os marmanjos assim, respeitando e realmente admirando. Você se admira. E com certeza no movimento, principalmente os homens mais estrelas, politicamente falando do movimento, se sentem incomodados por ver mulheres líderes. Com certeza se sentem. Há muito disso também... Eu já senti isso algumas vezes. Não tem como não sentir, porque eu não vou dizer

que não sou machista. Eu tento combater, tenho consciência. Isso é uma coisa difícil de mudar. Tenho consciência do que é o machismo, mas você sabe quando você tem algum sentimento machista. E eu já vi também, às vezes incomoda pessoas ver mulheres pegando tarefa, liderando o movimento (O Citrino).

Eles adoram dizer: “Não, não é nada disso, não eu não sou preconceituoso, eu não sou machista” e às vezes sai até com justificativas que pioram a situação. Justifica “não eu acho ela legalzinha, bonitinha”. Até nisso a mulher, ou seja, justificativas muito ruins. Geralmente, via de regra, desvela completamente o machismo e ainda se acham ofendidos. Porque, claro, em qualquer forma de opressão, o opressor ele se sente tocado quando tocam no poder dele de alguma forma. Então não vai ser de uma forma passiva que os homens vão ceder espaços para as mulheres. Só através da luta, da insistência e da briga, no bom sentido, que a palavra pode ter, que as mulheres vão conseguir disputar isso. E a gente homem, pelo menos aqueles machistas esclarecidos, tem que dar o braço a torcer, tem que aceitar a contestação e até fortalecer que essa contestação exista (O Topázio).

É interessante perceber que assim como nos partidos políticos, no movimento estudantil a fala masculina é de tal forma considerada o padrão que se coloca em foco até mesmo a voz das mulheres. (Delgado: 2000, p. 76). Esta questão, merece uma reflexão mais profunda, pois embora dialogando historicamente com os partidos políticos, tendências partidárias e demais organizações da sociedade civil, o movimento estudantil é um espaço que, em tese, se diferenciaria das organizações mais rígidas e formais, tanto no que se refere à sua composição – jovens universitários (as) -, quanto nas formas de organização, que deveriam estar sintonizadas com as questões vivenciadas pelas juventudes no contexto contemporâneo.

Neste sentido cabe aqui endossar algumas reflexões sobre a questão da militância nos dias atuais, pois imagino que são válidas quando o interesse não é desvalorizar o ME e descredenciá-lo como espaço legítimo de organização das juventudes universitárias na atualidade, mas sim fazer críticas construtivas, do ponto de vista de gênero, para quem sabe, contribuir para uma maior democratização deste espaço. Assim, reafirmo as palavras de Leite (1996: p.36,37), ao refletir sobre as *metamorfoses da militância* no contexto contemporâneo, pois

[o]s modelos de militância que marcaram os setores mais radicais da esquerda no século XX se esgotaram. Eram figuras como o bolchevique, o agitador anarquista, o guerrilheiro (à imagem do Che), o comunista soldado do partido.(...) [Estas] figuras eram possíveis no contexto de sociedades cuja reprodução ainda era, em grande parte, moldada pela tradição, onde a disciplina era um valor positivo compartilhado por diferentes camadas, o espaço para os indivíduos fazerem suas escolhas de vida muito reduzido, o sentimento de continuidade com a cultura do passado muito mais forte, a separação entre o público e o privado muito rígida. Tudo isso propiciava a formação de subjetividades referenciadas num universalismo prometéico, que mesclava ideais iluministas e românticos.

Assim, a questão do modelo masculino de militância que atravessa o movimento, que contribui para reforçar as desigualdades de gênero em seu interior só pode ser mais bem analisada, quando aliado ao debate sobre a questão das juventudes no contexto atual e das próprias relações entre homens e mulheres, se consegue perceber, também, transformações complexas nas sociabilidades e vivências contemporâneas, pois

[a]s transformações na constituição das personalidades foram profundas. Autores como Norbert Elias, Louis Dumont, Christopher Lasch, Anthony Giddens e outros já se detiveram sobre elas. Alguns vêem estas mudanças como negativas: individualismo exacerbado, narcisismo, crise do sujeito; outros como positivas: democratização da vida pessoal, possibilidade dos indivíduos moldarem cada vez mais aspectos de sua existência, terem um “projeto reflexivo do eu”. De qualquer forma, aquilo que para gerações passadas aparecia como normal, para nós surge como opressivo e inaceitável. (...) Neste quadro, a militância só pode se desenvolver como expressão de subjetividades mais autônomas, mais conscientes das forças sociais que atuam sobre elas. (...) As regras de convivência coletiva na militância têm que ser mais negociadas e flexíveis, aptas a lidarem com uma margem de liberdade individual muito maior: E a militância tem que ser integrada de forma mais coerente na definição do conjunto dos estilos de vida que conformam a identidade pessoal. (Idem: p.37)

Considerações Finais

Para tentar compreender e interpretar a construção da militância estudantil na UECE investigou-se o movimento estudantil atual, com base na incorporação de um novo recurso analítico: a categoria gênero. Pouco se discute acerca da construção da militância política de homens e mulheres no cotidiano das organizações políticas, em especial, no movimento estudantil. Articular as categorias juventude, gênero, movimento estudantil e militância política foi, portanto, o desafio lançado nesta pesquisa.

O modelo de militância do movimento estudantil, além de requerer uma dedicação exclusiva, que toma a maior parte do tempo destes (as) militantes, também incorpora outros valores e práticas que são profundamente marcados pelos critérios de gênero, condicionando a participação política de mulheres e de homens. Na política, a linguagem, a fala em público, as estruturas físicas, os comportamentos, a divisão de tarefas e a organização do tempo são elementos associados à socialização masculina, que por sua vez, contribuem para naturalizar o exercício da política como papel masculino.

Finalmente, a pesquisa pôde revelar um problema quanto ao modelo de militância hegemônico presente no ME. Isto se manifesta desde a construção de um certo padrão de militância até as instâncias decisórias do movimento, quando este padrão acaba por confluir na materialização das desigualdades de gênero, com franca desvantagem para as mulheres, no que se refere às condições de acesso às hierarquias e às direções das entidades estudantis, sobretudo aquelas de caráter nacional.

ABSTRACT: In the present work I intend to discuss the construction of the political militancy in the student movement of the State University of Ceará, with base in the gender focus. I look for to move forward in the reflections concerning the relationship youth, gender and student militancy, highlighting, therefore, aspects regarding the practices, values and inherent behaviors to the student movement and to the model of militancy, that express limits to the political participation and / or even the feminine exclusion of the direction of the movement, as well as of the other spaces of decision, revealing the existence of gender inequalities inside the student militancy.

Key-words:
youth, gender, student
movement, student
militancy

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Clara. *Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero*. In: Revista Crítica Marxista. Nº 11. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

BEZERRA, Teresa Cristina Esmeraldo. *O feminino e a política: encontros e desencontros*. Um estudo acerca da trajetória feminina nos partidos de esquerda. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Mimeo. 1992.

_____. *O feminino e a política: um estudo acerca da trajetória das mulheres nos partidos de esquerda*. Projeto de Pesquisa. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Mimeo. 1992.

DELGADO, Maria do Carmo Godinho. *Desigualdade de gênero e participação política das mulheres: a experiência do partido dos trabalhadores*. 2000. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

FORACCHI, Marialice Mencarini. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

GODINHO, Tatau. *Mulher na direção*. *Teoria e Debate*, São Paulo, p.36-9, mai.1991.

HARNECKER, Marta. *Os desafios da esquerda latino-americana*. Cadernos da Expressão Popular, 2000.

LEITE, José Corrêa. *Metamorfoses na militância*. In: *Teoria e Debate*. Ano 9. Nº 32. São Paulo: DCI Indústria Gráfica. Jul/Ago/Set. 1996.p.p.33-37.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Movimentos Sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político*. In: COSTA e BRUSCHINI. (org). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 127-150.

RIGAT-PFLAUM, Maria. *Sindicatos: Un espacio para hombres y mujeres?* Argentina: FESUR, 1990.

SARDENBERG, Cecília e ALCÂNTARA, Alice. *Feminismo, feministas e movimentos sociais*. Recife: Coordenadoria de Estudos da Mulher. Fundação Joaquim Nabuco. Instituto de Pesquisas Sociais, 1999.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TOLEDO, Cecília. *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann., 2003.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. *Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação da Universidade Estadual do Ceará 1999*. Fortaleza, 1999. p.88.